

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

Desterro, 8 de Dezembro de 1887

EXPEDIENTE

Assignatura

Por mez 500 rs.

PAGAMENTO ADIANTADO

Publicação semanal

ESCRITORIO DA REDACÇÃO

Rua de João Pinto n. 43

A GLORIA

O soldado, que arquejante maneja a pezada e copeta no campo ensanguentado da batalha, e, cheio de febre de odio, atira-se por entre o fumo da polvora e o sibilar das balas, expondo a vida á sanha do inimigo implacavel, caminha animado por um pensamento unico, por uma unica idéa — a ambição de gloria.

O artista, que sacrifica longos dias de vida na confecção de um quadro, que n'esse quadro concentra toda a sua força, toda a sua intellectualidade, esquecendo-se muitas vezes de revigorar o corpo, alquebrado por interminaveis fadigas, mira um fim determinado, dirige-se para uma unica meta, quer chegar a um resultado unico — a gloria.

O escriptor, que consome os dias e as noites compondo

volumes sobre volumes, cada qual o mais meditado, o mais util, o mais cheio de interesses e criterio, no fim da sua afadigosa jornada deseja somente encontrar um nome illustre, uma celebridade invejavel, um raio de gloria.

E no entretanto, o que é a gloria, que tantos trabalhos impõe, e tantos soffrimentos exige?

Uma phantasia, que se desfaz, como o fumo, á mais simples reflexão; uma visão produzida pela febre, e que desaparece quando a febre cessa; um sonho como os que nos accommettem á noite e que, ao romper da manhã, batem as azas e fogem, como um bando de aves esquivas.

Mas, apesar de tudo, de todas as dôres, de todas as miserias, de todas as amarguras, a gloria é como as mulheres bellas, que por muito levianas, muito más, muito inconsequentes, nunca deixam de attrahir a admiração de todos, deixando ante os olhos de cada um, apoz a sua passagem orgulhosa, como que um raio de luz deslumbrante que fascina, que cega, que enlouquece.

Que cerebro ha que não tenha pensado na gloria um momento ao menos?

Que coração existe que não tenha por ella palpitado um instante sequer?

NOTICIARIO

Classe Typographica

No domingo, 13 de Novembro findo, no sobrado n. 14, á Praça Barão da Laguna, realisou-se uma sessão extraordinaria da briososa classe typographica, afim de ser fundada uma sociedade com o seguinte titulo: SOCIEDADE PROTECTORA TYPOGRAPHICA CATHARINENSE.

Achavam-se presentes grande numero de operarios typographicos e mais pessoas distinctas e bem conceituadas na nossa melhor sociedade.

Realizada a eleição para a directoria, que ficou assim composta:

Presidente — Alexandre Margarida — Vice presidente — Luiz Neves — Thesoureiro — João Ribeiro Marques — 1.º Secretario — Francisco Margarida — 2.º dito — Adolpho Silveira — Procurador Rodolpho Mello, foi nomeada uma commissão composta dos Srs. Firmino Costa, Francisco Pereira e José Joaquim Lopes Junior, para organizar os estatutos, finalizando a sessão ás 2 horas da tarde.

Assim classe typographica — avante ! avante ! homens da luz ! — Nós te saudamos.

GABINETE JORNALISTICO

Recebemos o «Macauense» da cidade de Macau, na provincia do Rio Grande do Norte.

E' bem redigido, collaboração esplendida e viciosa impressão.

E' seo proprietario o Sr. professor Elias Antonio Ferreira Souto, que segundo nos informam, é pessoa de muita illustração e magnifico talento.

O «Macauense» é organ dos interesses sociaes.

O «Piauihyense» n. 14, anno I, que se publica na cidade de Thezina. O «Piauihyense» é um jornal escripto com bastante correccão e bem collaborado.

O «Operario» anno I, n. 23, publicado em Sant'Anna do Livramento na provincia do Rio Grande do Sul. Não temos porém palavras com que possamos agradecer a esplendida visita que dignamente nos fez o «Operario», jornal escripto com elevação de sabedoria, bem collaborado e impresso com muita nitidez.

«Recreio Jovenil» de Maceió, anno I, n. 7. Este organ é de pequeno formato, mas... que importa o formato, si o «Jornal» é conscienciosamente bem escripto e collaborado com illustração?

Portanto que siga avante o «Recreio Jovenil», é o que mais desejamos.

A todos estes collegas agradecemos e retribuiremos a nossa humilissima folha.

LEOPOLDINO CABRAL

No dia 25 de Novembro findo, este delicado e honrado moço da nossa digna sociedade, completou 26 floridas primaveras.

Ao Sr. Cabral enviamos nossos sinceros parabens e que viva mais longos annos, sempre feliz na sua briosas carreira, sempre saudavel é o que de coração desejamos.

UM ANJINHO

O Sr. Firmino Costa, passou no dia 29 de Novembro passado, pelo dissabor da perda de sua muito estimada e interessante filhinha de nome Hercilia.

Mais um anjinho coroado com brancas rosas, vôou para o paraíso celeste, onde tudo é gloria. Lamentamos devéras a perda de tão innocentinha criança.

A mudança, ha dias, da nossa folha, da typographia da «Tribuna», para a da «Regeneração», onde será d'ora em diante feita, fez com que deixassemos de publicar-a nos tres dias competentemente marcados para o seu sahimento.

Não tencionamos tão cédo, finalizar a sua publicação, não só pelo bom acolhimento (salvando a modestia) que ella tem tido; como tambem pela honrosa apreciação que os nossos distinctos leitores nos tem dispensado.

Por essa falta irreparavel pois, esperamos que os Srs. assignantes nos desculpem.

O nosso querido amigo, o poeta Timotheo Maia que já havia ficado melhor dos seus incommodos, recahio achando-se agora quasi restabelecido.

Desde já enviamos ao poeta nossos parabens.

O nosso particular amigo o Sr. Vital da Silva Cardoso, alumno da Escola Militar de Porto-Alegre, sahio approvado plenamente em Arithmetica, devendo ser chamado (segundo nos consta) no dia 16 de Novembro de 87 para prestar o exame de Algebra, cujo resultado daremos a publicidade.

Enviamos portanto d'aqui amigavelmente, um aperto de mão pela figura bonita que acaba o nosso estimado amigo, de promover.

EMPRESA LITTERARIA CATHARINENSE

A dias acabou-se de fundar n'esta cidade uma — «Empresa Litteraria Catharinense», cujo

fim é: publicar semanalmente em fasciculos, romance que muito possa interessar á aquelles que consideram-no como um «passa-tempo».

E' Director-litterario da Empresa, o já muito por nós conhecido na imprensa, como bom litterato, o Sr. José Raposo, pessoa esta que, negar a sua illustração é um impossivel.

E' gerente da dita «Empresa» o distincto negociante, o Sr. João Firmo C. da Cunha.

Que prospere a «Empresa» vantajosamente, é o que mais desejamos.

No dia 2 do corrente, o digno Grupo Dramatico «12 de Agosto», deu um espectaculo extraordinario, em beneficio das Obras Municipaes, espectaculo este que segundo nos dizem, foi bem desempenhado.

Nossos parabens a Distincta pleiade de moços conceituados de que se compõe o Grupo.

A rapariguinha e os phosphoros

Que frio! a neve cahia, e a noute approximava-se: era o ultimo de Dezembro, vespera de anno novo. No meio d'este frio e d'esta escuridão passou na rua uma desgraçada pequerrucha, com a cabeça descoberta e os pés descalços. E' verdade que trazia sapatos, ao sahir de casa, mas tinham-lhe servido pouco tempo; eram uns grandes sapatos que sua mãe já tinha usado, tão grandes, que a pequenita perdeu-os ao atravessar a rua e correr entre duas carruagens. Um dos sapatos perdeu-o realmente; quanto ao outro fugiu-lhe com elle um garotito, com a intenção de fazer d'elle um berço para o seu primeiro filho.

A pequenita caminhava com os pésinhos nús, arroxeados pelo frio; tinha no seu velho avental uma

grande quantidade de phosphoros e, levava na mão um maço d'elles. O dia correrá-lhe mal; não tinha havido compradores, por isso não apurára cinco réis.

Pobre pequerrucha! que frio e que fome! Os flócos de neve cahiam-lhe nos longos cabellos loiros e adoravelmente annelados em volta do pescoço; mas pensava ella porventura nos seus cabellos annelados?

As luzes brilhavam nas janellas, e sentia-se na rua o cheiro dos manjares; era a vespera do dia de anno bom: eis no que ella pensava.

Deixou-se cahir a um canto, entre dois muros. O frio enregelava-a cada vez mais, mas não se atrevia a voltar para a casa: o pai bater-lhe-hia, porque não tinha vendido os seus phosphoros.

Além d'isso em sua casa havia tanto frio como na rua. Moravam debaixo de um telheiro que o vento atravessava, apesar de o terem calafetado com palhas e farrapos. As suas mãos já quasi que as não sentia. Ai! como um phosphorosinho acceso lhe faria bem! Se tirasse do maço apenas um, um unico, e accendendo-o aquecesse os dedos enregelados! Tiro um! *ritche* como estoura! Como ardeu! Era uma chamma tópida e clara, como uma pequena lamparina. Que luz exquisita! Parecia-lhe estar sentada de frente de um enorme brazeiro de ferrojo, lume magnifico que aquecia tão suavemente que era um regalo.

A pequerrucha ia já a estender os pés para aquecer tambem, quando a chamma se apagou repentinamente: achou-se sentada tendo na mão uma pontita de phosphoro já consumido.

Accendeu segundo phosphoro, que ardeu, que brilhou, e o muro onde a sua chamma tornou-se transparente como vidro. Olhando através d'esse muro, a pequerrucha viu uma sala, com uma mesa coberta de uma toalha alvissima, deslumbrante de finas porcelanas, e sobre a qual uma gallinha assada com recheio de ameixas e de batatas fumegava exhalando um perfume delicioso. Oh! surpresa! oh! felicidade! De repente a gallinha saltou do prato, e cahiu no chão ao pé da pequerrucha, com o garfo e a faca espetada no lombo. N'isto apagou-se o phosphoro, e viu apenas diante de si a parede fria e tenebrosa.

Accendeu terceiro phosphoro e achou-se immediatamente sentada debaixo de uma magnifica arvore de Natal; era ainda mais rica e maior do que a que tinha visto no anno passado através dos vidros de um armazem sumptuoso.

Nos ramos verdes brilhavam centenaes de balões accessos, e as estampas coloridas como as que ha, ás portas das lojas pareciam sorrir-lhe. Quando ia agarral-as com as duas mãos, apagou-se o phosphoro; todos os balões da arvore do Natal começaram a subir, a subir e viu então que se tinha enganado porque eram estrellas. Cahiu uma d'ellas deixando no céu um longo rasto de fogo.

—E' alguém que está a morrer, disse a pequerrucha: porque a sua avó, que lhe queria tanto, mas que já morrera, dissera-lhe muitas vezes: « Quando cae uma estrella, sóbe para Deus uma alma ».

Accendeu ainda outro phosphoro; deu uma grande luz, no meio da qual lhe appareceu sua avó de pé, com um ar radioso e suavissimo.

—Minha avó, exclamou a pequerrucha, leva-me contigo. Eu sei que te vais embora quando se apagar o phosphoro. Desapparecerás como a panella de ferro, a gallinha assada e a bella arvore do Natal.

Accendeu o resto do maço, porque não queria que sua avó lhe fugisse, e os phosphoros espalharam um clarão mais vivo que a luz do dia. Nunca sua avó tinha sido tão formosa. Poz ao collo a pequerruchinha, e ambas alegres, no meio d'este deslumbramento, voaram tão alto, que já não tinham nem frio, nem fome, nem agonias: haviam chegado ao Paraíso.

Mas, quando rompeu a fria madrugada, encontraram a pequerrucha entre os dous muros, ao canto, com as faces incendiadas, o sorriso nos labios... morta, morta de frio na ultima noite do anno. O dia de Anno-Bom veio alumiar o pequerrucho cadaver, sentado ali com os seus phosphoros, a que faltava um maço, que tinha ardido quasi inteiramente. —Quiz aquecer-se, disse um homem que passou. E ninguem soube nunca as lindas coisas que ella tinha visto, e no meio de que esplendor tinha entrado com a sua velha avó no dia de anno novo.

GUERRA JUNQUEIRO.

A TUA CARTA

Recebi as letras bellas
Dessa mãosinha adorada!
Julguei a tinta sagrada!
E a areia do pó d'estrellas!

Se Deus me tivesse escripto
Lá do seu reino celeste!
Não me daria o que deste...
Inda que desse o infinito!

Como eu beije soluçante
Teus erros d'orthographia!
Eu vi o mundo brilhante
Côr do manto de Maria!

Eu vi os céos azulados,
Vi grandes mundos celestes!
Não me lembraram cuidados!
Não me lembraram cyprestes!

Não me lembrou guerra ou paz!
Não me lembraram os prantos!
Não me lembrou Satanaz!
Não me lembraram os santos.

Não me lembrou Christo Deus!
Nem seu grande Padre Eterno!
Não me lembraram os céus!
Não me lembro uó inferno!

Só me lembraram os beijos
Do nosso amor, em segredo!
Só me lembraram os desejos!
Que plantei no peito a medo!

Só me lembraram desvelos
Que eu te dei, por noites bellas,
Em que contei as estrellas,
Ao beijar os teus cabellos!

Não me lembraram as maguas!
Só me lembraram segredos
Que eu te disse entre arvoredos
E entre o marulho das aguas!

GOMES LEAL.

CHARADA

No marceneiro é usado—2
Na mulher é censurado—2

CONCEITO

Na bota estou dentro
No sapato estou fóra
Quer saber o que é?
—Não lhe digo agora.

•••

SAUDADES

A' ELLA...

Choro? Si a dor, que me lacera o peito
à magoa affeito, ao soffrimento, á dor;
é só por ti, por teu amôr peregrino
anjo divino, de divino amôr.

Oh! tú não sabes, que paixão fremente,
que amôr ardente, peregrina houri,
me abraso em ancias de cruejs pensares
tristes pezares—só por ti... por ti...

Ao triste bardo, pelo amôr um louco
ampara um pouco, com teu divino olhar,
mostra-lhe o céu, n'um divinal sorriso
o—paraiso— em teu amôr sem pár!...

Ribeirão, 23 de Outubro de 1887.

ERNESTO PIRES.

Emquanto outros combatem

Empunhasse eu a espada dos valentes!
Impellisse-me a acção, embriagado,
Por esses campos onde a Morte e o Fado
Dão a lei aos reis tremulos e ás gentes!

Respirariam meus pulmões contentes
O ar de fogo do circo ensanguentado...
Ou caíra radioso, amortalhado
Na fulva luz dos gladios reluzentes!

Já não veria dissipar-se a aurora
De meus inúteis annos, sem uma hora
Viver mais que de sonhos e anciedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
D'esta pallida e esteril mocidade!

ANTHERO DO QUENTAL.

DESCRENÇA

Como a flor que abre as pet'las
Esperando receber
Da lymphá crystallina
A seiva do viver,
E desbota a cor mimosa
No fragil caule se debruçando,
Por um soluço da brisa
Que além passa sussurrando,
Assim é meu Deus horrível

O viver quando nos é,
—O escarneo por um caminho,
—A descrença pela fé
Então o homem com a folha
Do tufão sacudida,
Vai buscar no lupanar
Da infamia nova vida,

Desterro, 6 de Fevereiro de 1887.

LICINIO.

O teu riso

A' Corintha da Gloria Saldanha

(Dedicado a João Saldanha)

Canto, creança, o teu riso
em sete estrophes nervosas,
correctas como a Natura
aromadas como as rosas!

O riso, flor, em teus labios
é uma revolução!
— que nos aquece... e nos vibra
às téclas do coração...

E' o riso dos arreboés
radiado de esperanças,
riso—como os risos bons
das boas rolinhas mansas...

Ha n'elle aquella doçura
da maciez de uma flor,
os lampejos de uma aurora
o despontar de um amor;

e ha esse som mavioso
dos finissimos crystaes,
e esse diluvio de notas
que ha nas bandas marciaes

E' o riso alegre e fulgente
dos astros nos céus azues
riso-igual aos santos risos
só da infancia de Jesus!

Por isso te peço sempre
que na luz dos olhos meus
vibres esse riso virgem
nascido dos labios teus!...

(Dos Cantos Matinaes.)

TIMOTHEO MAIA.

O que diz de nós o collega Mau-
caense;

—Recebemos tambem o «Crepusculo» orgão litterario da cidade do Desterro em Santa Catharina.

O «Crepusculo» é um jornal escripto com illustração e saber, e tem uma impressão nitida.

Somos gratos por tão mimosa visita.